

Metodologia

Este capítulo apresenta o detalhamento dos aspectos teórico-metodológicos que servirão de base para a análise desenvolvida nesta dissertação. Em um primeiro momento, serão discutidas algumas questões que permeiam a abordagem de pesquisa qualitativa e sua ligação com o campo da LA. Em seguida, visto contextualizar a pesquisa ao apresentar informações sobre i) o perfil dos professores participantes da interação e ii) o contexto no qual ocorreu a geração dos dados. Logo após, apresento os pressupostos teóricos relativos à entrevista qualitativa semiestruturada que fundamentarão o primeiro momento de geração de dados. E, por fim, apresento uma descrição dos procedimentos a serem utilizados na transcrição e na análise dos dados.

3.1 A pesquisa qualitativa e a Linguística Aplicada

Os estudos no campo das ciências humanas possuem características próprias, levando-se em conta seu foco de pesquisa na natureza humana. Segundo Moita Lopes (1994), o ser humano é construído socialmente em contextos interacionais localizados no espaço e na história. Dessa forma, torna-se necessário criar maneiras de se olhar tanto para a pesquisa quanto para o pesquisador, que passa a se construir como parte do conhecimento que produz e vivencia.

Dentro desse contexto está a pesquisa qualitativa, que tem como princípio de investigação a compreensão de questões a partir dos significados que as pessoas atribuem a elas. Baseia-se em buscar entendimentos acerca da realidade social do pesquisador e dos participantes da pesquisa a partir do olhar dos mesmos nela envolvidos. De acordo com Denzin e Lincoln (2006,p. 17) a pesquisa qualitativa pode ser definida como:

[...] uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista,

interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou, interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a ele conferem.

Com base nessa definição, as pesquisas em LA, devido à sua preocupação com questões sociais e de seu interesse voltados para os usos reais da linguagem, tendem a adotar metodologias de pesquisa de cunho qualitativo-interpretativista. Segundo Moita Lopes (1996,p.20), a LA é uma ciência social cujo foco volta-se para o entendimento de situações de uso da linguagem enfrentadas pelos participantes do discurso no contexto social, isto é, usuários da linguagem (leitores, falantes, escritores, ouvintes) dentro do meio de ensino e fora dele.

Pesquisas de base qualitativa buscam refletir sobre situações reais de uso da linguagem para ser capaz não só de teorizar sobre a vida social, mas também de problematizá-la, buscando compreender sua complexidade. Segundo Denzin e Lincoln (2006, p.23), “a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação”. Dessa forma, as pesquisas qualitativas em LA devem assumir que os usos da linguagem constroem os significados nas relações sociais e estas implicam na ideia de que pesquisador e pesquisado coconstroem significados ao longo da interação, em negociações, e que, portanto, aqueles se tornam participantes da pesquisa (Celani, 2005,p.109).

Dentro dessa perspectiva, acredito que considerar o outro e sua interação com o mundo social, e não só a interpretação do próprio pesquisador, é parte da pesquisa, como nos aponta Moita Lopes (2013, p.17):

A LA em seu desenvolvimento no Brasil o coloca como crucial em sua subjetividade ou intersubjetividade, tornando-o inseparável do conhecimento produzido sobre ele mesmo assim como das visões, valores e ideologias do próprio pesquisador. Em decorrência, questões de ética, poder e política se tornam inerentes à produção do conhecimento. [...] Assim, a situacionalidade e a particularidade do conhecimento e as condições situadas de natureza ética, política e aquelas relativas a poder na sua produção são o que importa e não a procura por grandes generalizações. A LA no Brasil é quase totalmente de natureza qualitativa, com preocupações com o idiossincrático, o particular e o situado.

Desse modo, considero que minha pesquisa se alinha com o compromisso ético da LA por se preocupar com a interação ocorrida e suas implicações com o intuito de problematizá-la e compreendê-la de forma plena. Além do mais, creio

que minha atenção dada ao professor participante e todas as suas considerações acerca do tema proposto para discussão, assim como à pesquisa em si, me inserem dentro dessa perspectiva.

A seguir, apresento um panorama dos encaminhamentos que me levaram a escolher o tema de pesquisa aqui apresentado, bem como a contextualização da geração dos dados, seguido de um breve perfil de Lucas e dos professores participantes da pesquisa.

3.2 Contextualizando a pesquisa

A presente pesquisa teve como base para geração de dados dois participantes: meu amigo Lucas e eu. Opto por dizer “amigo Lucas” pois foi por meio dessa lente que pude perceber diversos movimentos e momentos ao longo da análise que apresentarei no próximo capítulo. Acredito que por sermos amigos de longa data, nossa entrevista, que por muitas vezes tentei chamar de conversa ao longo de nossa interação, se mostrou destoante do que normalmente vivenciávamos como amigos.

Nesse sentido, julgo imprescindível traçar um pequeno panorama de nossa relação de amizade, como também de nosso local de fala. Começo por mim, então. Sou professora de língua inglesa desde os dezessete anos, tendo iniciado minha carreira como monitora em um curso de idiomas próximo a minha casa. Sempre trabalhei nessa área, tendo atuado não só em cursos livres de idiomas, mas também em programas de ensino de língua inglesa como o LICOM (Línguas para a Comunidade) e a UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade), ambos na UERJ. Lá me formei em Inglês/Literaturas em 2013 e logo ingressei em uma pós graduação na área de ensino de línguas. Optei por seguir para o mestrado por entender que uma formação mais completa não só ajudaria em minha sala de aula, como também em minha formação como pessoa e profissional, além de sempre ter sido atraída pelo mundo acadêmico.

Lucas, por sua vez, começou a dar aula aos vinte e dois anos, após concluir sua graduação em Português/Literaturas pela UFRJ. Ainda que seu campo de atuação não tenha sido, em um primeiro momento, o das línguas estrangeiras, ele

logo se posicionou no mercado, tendo atuado por muitos anos em um grande curso de idiomas do Rio de Janeiro. Ao começar a trabalhar em um novo curso de idiomas, Lucas optou por se especializar na área de ensino de língua estrangeira, realizando alguns cursos e obtendo certificações internacionais de prestígio.

Após uma breve apresentação de nosso perfil profissional, volto meus olhares para nossa relação de amizade. Nos conhecemos há mais ou menos cinco anos quando fui transferida de uma filial do curso onde atuava para a dele, na Tijuca, Rio de Janeiro. E, mais que amigos, também iniciamos um relacionamento bastante próximo de nossa vivência em sala de aula. Por muitas vezes me vi lhe enviando mensagens pedindo orientações e contribuições para minha aula, além de trazer questionamentos sobre nossos papéis de professor dentro dos cursos onde atuávamos.

No entanto, como tratado no capítulo introdutório, minha entrada no campo como pesquisadora não foi simples, bem como tive dificuldades para selecionar os dados para análise. Soma-se a isso o fato de que antes de optar por refletir somente sobre os dados gerados com Lucas, voltei meus olhares para outras direções que não uma análise interacional com foco nos momentos de desconforto. Dessa forma, apresento minhas motivações e encaminhamentos até a escolha final desta pesquisa.

Iniciei a geração dos dados com base em uma motivação pessoal referente a questionamentos acerca da utilização dos Gêneros Discursivos nas salas de aula de língua estrangeira. Assim sendo, optei por conversar com três professores, todos colegas com os quais já havia trabalhado e/ou convivido em termos profissionais e acadêmicos. Acredito que ao escolher pessoas próximas e por meio de uma entrevista semiestruturada haveria uma maior possibilidade de intervenção do professor participante, onde este se sentiria mais confortável para tratar dos temas abordados.

Além disso, os três professores participantes deveriam ser formados em Letras por entender que ao trilharem caminhos semelhantes ao meu poderia encontrar conhecimentos teóricos sobre o assunto tratado, já que julgo que teriam oportunidades parecidas de exposição, ou não, aos Gêneros Discursivos. Ressalto que entendo que essa percepção pode ser falha, uma vez que outros professores

sem o mesmo nível acadêmico poderiam ser tão, ou mais responsivos aos meus questionamentos. Reforço, então, que a escolha foi um recorte por mim escolhido, dentre muitos outros possíveis.

Outro recorte feito foi o de selecionar professores que atuem, ou tenham atuado, em cursos de idiomas distintos no estado do Rio de Janeiro. Para os fins analíticos da época em questão, gostaria de entender como os Gêneros Discursivos eram tratados em diferentes cursos e por meio de metodologias diversas dentro do Rio de Janeiro para, assim, tentar traçar um panorama de sua utilização.

Para isso, convidei para a pesquisa Lucas, Patrícia e Roberto¹. Lucas e Roberto se formaram pela UFRJ e Patrícia pela UERJ, como eu; e juntos atuamos/atuávamos em cinco cursos de idiomas de renome no estado. Vale acrescentar que trabalhei com Lucas e Patrícia em três desses cursos e que conheci Roberto no mestrado, no qual nossa profissão ajudou a nos aproximar.

Marquei entrevistas, que optei por chamar de conversas quando ao agendá-las, dizendo se tratar de uma conversa entre professores sobre uma inquietação que havia me ocorrido ao longo do curso de mestrado que acabara de começar. Assim, o tema Gêneros Discursivos só foi informado no decorrer da interação por objetivar captar as primeiras impressões desses professores quanto ao tema.

Antes de dar início às entrevistas, no entanto, fiquei bastante ansiosa e nervosa com toda a situação de pesquisa. Trago essa informação, pois julgo-a importante para a compreensão do surgimento do desconforto com a entrevista, que já vivenciava antes mesmo de ligar o gravador. Conversei com minha orientadora, Adriana, sobre minhas inseguranças e sobre como estava preocupada com a geração dos primeiros dados da pesquisa, uma vez que meu lado perfeccionista dizia que tudo deveria ocorrer conforme o planejado, temendo fugas do tema e também me mostrar assimétrica com meus amigos participantes. Ainda assim, tais momentos ocorreram dando início, assim, à análise dos dados por meio dessa lente. Sigo com o desenrolar das gravações ocorridas, todas no ano de 2016.

A primeira delas ocorreu em março de 2016 com Lucas, em sua casa no

1. Nomes fictícios.

bairro do Riachuelo, Rio de Janeiro. Assim como nas outras duas entrevistas que tratarei em seguida, propus uma discussão sobre o que ele entendia por Gêneros Discursivos, bem como sua aplicabilidade em sala de aula.

A entrevista com Patrícia foi a segunda a ser gerada e se deu de maneira semelhante à proposta com Lucas. Ela ocorreu em maio de 2016, em seu apartamento em Pilares. Assim como a entrevista com Lucas, a conversa com Patrícia teve cerca de quinze minutos de duração e, um pouco antes de iniciarmos nossa entrevista, conversamos sobre diversos assuntos já que há muito não nos víamos depois de muitos anos de convivência. O decorrer da conversa se deu de maneira tranquila, conforme meu planejamento.

Por último, o encontro com Roberto, que aconteceu em junho de 2016 na PUC - Rio, distinguiu-se dos demais em vários aspectos. O primeiro deles diz respeito ao tempo de conversa que, ao contrário dos quinze minutos anteriores, demorou aproximadamente quarenta e sete minutos, sendo que os turnos de fala de Roberto se mostraram maiores que os dos demais, sugerindo, a meu ver, um maior conforto com o tema tratado.

Outra diferença se deve ao fato de que gravei nossa conversa ao final de uma das aulas que tivemos. Acredito que a mudança do local de geração dos dados possa ter influenciado a conversa, ainda que julgue que questões mais abrangentes como nosso papel social na interação - não entre acadêmico e professor de curso, mas entre dois acadêmicos e também professores – tenha influenciado mais.

No entanto, após uma audição intensiva das três entrevistas geradas, percebi particularidades na interação ocorrida com Lucas e que não percebi nas outras duas. Intensifiquei a análise dos dados gerados com Lucas com o intuito de entender como algumas questões se apresentavam e que não haviam sido propostas, nem consideradas por mim em um primeiro momento.

A primeira delas foi a questão da construção da identidade de professor buscada por Lucas, pois percebi que ao ser indagado sobre um tema que supostamente não conhecia, uma relação de assimetria entre Lucas e eu se construiu, resultando em uma tentativa de realinhamento e de reafirmação por parte de meu amigo.

Ainda que houvesse me preocupado com o conforto e alinhamento entre os participantes e eu, percebi o quanto me mostrei assimétrica e isso me incomodou bastante. Ao conversar com minhas orientadoras, percebemos que tal questão poderia fazer parte de algo maior, como a coconstrução da entrevista em si, bem como o possível desconforto presente poderia ter contribuído não só para a questão da assimetria, como também para questões de identidade.

Resumidamente, ao gerar os dados e vivenciar o desconforto, eu procurei entendê-lo, investigá-lo e mapeá-lo. Optamos, portanto, por olhar para a interação com Lucas por essa lente interacional onde preocupe-me em mapear os possíveis momentos de desconforto e assim buscar entendimentos sobre como uma entrevista semiestruturada se deu de maneira tão incômoda, ainda que todo o passo a passo sugerido por teorizações e trabalhos desenvolvidos na área da pesquisa qualitativa com entrevistas tenha sido seguido.

Dito isso, sigo com a descrição da geração e análise dos dados na seção 3.3, já que sem as informações acima apresentadas, algumas outras não fariam sentido.

3.3 Sobre o recorte dos dados gerados

A primeira entrevista, que em diversos momentos optei por chamar de *conversa* a fim de tentar diminuir a pressão sobre o que iríamos discutir, ocorreu na casa de Lucas e teve como objetivo principal refletir sobre a percepção de um professor de curso de idiomas sobre os Gêneros Discursivos e sua utilização em sala de aula.

Lucas e eu nos reunimos sem prévias leituras feitas por ele, pois julguei importante que suas primeiras impressões fossem gravadas com o intuito de entender qual percepção um professor teria sobre o tema tratado. Antes mesmo de iniciarmos nossa entrevista, conversamos bastante, Lucas, seu companheiro Ricardo e eu, sobre temas diversos enquanto desfrutávamos de um breve lanche, por acreditar que momentos relaxantes antes da entrevista suavizariam a mudança de enquadre, ainda que esta não fosse minha intenção.

Mesmo assim, ao ligar o gravador e iniciar a geração dos dados para

minha pesquisa, percebi que não só nossos papéis tinham mudado, como também a forma como nos relacionamos.

Outro dado que julgo importante para minha análise foi o fato de Ricardo ter permanecido na sala de estar onde nos encontrávamos durante a entrevista, não tendo se manifestado uma única vez. No entanto, ao desligar o gravador e dar continuidade ao nosso tópico de discussão, Ricardo se mostrou bastante interessado e participativo, além de Lucas ter se posicionado de maneira bem mais relaxada e aprofundada, informações estas que anotei como notas de campo.

Nossa segunda interação ocorreu de modo mais descontraído e prático. Esta ocorreu em janeiro de 2017 e se deu por meio de um aplicativo para *smartphones* chamado *whatapp*². Por meio deste, enviei um áudio a ele perguntando sobre como se sentiu em nossa primeira entrevista. É conveniente dizer que até aquele momento não havia discutido sobre o que já tinha percebido em uma análise prévia dos dados da primeira entrevista e também não o influenciei sobre o que esperava, ou muito menos gostaria, que ele falasse.

Sobre a geração dos dados, mas por uma outra perspectiva, trato da escolha da entrevista semiestruturada como instrumento de geração dos meus dados. Como meu objetivo inicial era refletir sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa por meio dos gêneros discursivos a partir da visão dos próprios professores, escolhi a entrevista como instrumento de geração de dados por considerá-la um “texto ativo, um lugar onde o significado é criado e performado. Quando performado, a entrevista cria o mundo, dando-o seu sentido situado” (Denzin, 2001, p.25). Optei, no entanto, pela entrevista semiestruturada por entender que precisaria direcionar minha entrevista em alguns momentos, ainda que meu foco principal fosse o de ouvir o professor participante.

Em relação aos dados apresentados, decidi analisar a entrevista quase que por completo para que fosse possível encaminhar este trabalho de acordo com as mudanças de enquadre e alinhamento que percebia a longo da conversa. Dessa forma, trouxe até a seção 4.1.2 a análise de toda a interação, optando por selecionar trechos mais representativos somente nas seções 4.1.3 e 4.1.4, quando percebi uma suavização dos momentos de desconforto. No segundo momento,

2. Whatapp é um aplicativo criado para *smartphones* e utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão com a internet.

quando pergunto a Lucas sobre suas impressões do nosso encontro, apresento toda a transcrição de nossa conversa por se tratar de um discurso corrido, conciso e direto sendo necessária uma análise minuciosa de nossas falas.

Uma informação importante é que o caráter anônimo no tratamento tanto dos dados, quanto das instituições citadas foi ressaltado antes de qualquer gravação. Ressalto que o participante Lucas foi orientado por escrito, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sobre a natureza da pesquisa e sobre o tratamento que seria dado às informações geradas. Além disso, o presente projeto foi aprovado por um comitê de ética, neste caso, pela Plataforma Brasil, conforme previsto. Ambos os arquivos estão anexados ao final do trabalho.

Sendo assim, trago abaixo os procedimentos analíticos selecionados para interpretação dos dados gerados.

3.4 Transcrição e procedimentos de análise

As convenções de transcrição utilizadas se alinham aos estudos desenvolvidos dentro da Análise da Conversação (Atkinson e Heritage, 1984; Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989), no âmbito da Análise do Discurso. Ressalto que as entrevistas foram transcritas em sua totalidade, ainda que a análise foque nos possíveis momentos de desconforto.

Apresento, a seguir, o capítulo de análise dos dados gravados no contexto de entrevista semiestruturada, no qual me debruço sobre o mapeamento e análise dos momentos de desconforto que surgiram ao longo da interação.